II CONGRESSO INTERNACIONAL – LÍNGUAS, CULTURAS E LITERATURAS EM DIÁLOGO: IDENTIDADES SILENCIADAS

Universidade de Brasília – 16 a 18 de agosto de 2018

RESUMOS QUE COMPÕEM O SIMPÓSIO

LITERATURA E REPRESENTAÇÃO: INDÍGENA E IDENTIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA

Coordenadores:
Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves (Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT)
E-mail: henriqueroriz@unemat.br

Dr. Danglei de Castro Pereira (Universidade de Brasília - UFB)
E-mail: danglei@terra.com.br

RESUMO:
Este simpósio congrega estudos que focalizam a representação do indígena como elemento constitutivo da construção da identidade nacional no Brasil em dialogo com as diferentes matrizes formativas da cultura brasileira. As propostas de pesquisa apresentadas para o simpósio investigam temas como a migração e diálogo intercultural do nativo e do europeu como interfaces das diferentes representações literárias do indígena na América Latina, pensados como espaço da *mimesis* artística enquanto constructo literário e cultural. Investigaremos formas de materialização da identidade nacional na literatura brasileira em um percurso de resgate de valores culturais em formação desde os movimentos migratórios formativos da cultura brasileira em momentos de formação histórica, bem como os deslocamentos formativos desta identidade até os dias atuais. Levamos em consideração a presença de elementos antropófagos, conforme Oswald de Andrade (1922) na tradição literária brasileira ao pensar a diversidade literária que trata a representação do indígena na literatura brasileira em contato com obras produzidas na América Latina. As propostas de investigação discutem, neste simpósio, os recursos estilísticos que delimitam os elementos constituintes da identidade cultural no Brasil e a expressão das matrizes formativas desta identidade à luz de conceitos como identidade, antropofagia em Oswald de Andrade e representação literária via memória, pensadas por meio da materialidade do indígena nos textos que compõe os diferentes recortes ficcionais investigados nos trabalhos apresentados no simpósio.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; Identidade; Cultura; Narrativa brasileira; Migração; Indígena.

TÍTULO DO TRABALHO: ANÁLISE DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO INÍGENA EM TRÊS OBRAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS

Autor: Andreia Lívia de Jesus Leão (Doutoranda em Educação - USC/Espanha; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás).

RESUMO:
Esta proposta de comunicação tem como objetivo realizar uma análise do processo de construção da nacionalidade a partir da representação do indígena em três obras literárias brasileiras: "Iracema" (1865) de José de Alencar do período Romântico, **Macunaíma** (1928) de Mário de Andrade do período Modernista, e **Utopia Selvagem** (1982) de Darcy Ribeiro do período Pós-Modernista. Essa análise é pertinente para a compreensão do imperialismo e suas influências, como um fenômeno mundial e, em menor grau, como um fenômeno localizado que contribuiu para a elaboração da identidade nacional representada em obras de autores brasileiros de diferentes períodos históricos que buscavam uma literatura pós-colonial autônoma, caracterizadas com elementos sociais e culturais que identificassem os brasileiros como povo e como pátria. Como referenciais teóricos, serão pesquisadas as teorias dos Polissistemas de Even-Zohar (1990) e Villanueva e Even-Zohar (1994) a fim de auxiliar na compreensão da complexidade do fenômeno literário brasileiro na busca da representação da nacionalidade; e o estudo das teorias Pós-Coloniais de Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1989), Pratt (2010), Said (1990, 1995) e Souza (1994) para compreender o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados, especificamente a do brasileiro. Com a intenção de compreender a influência do imperialismo na literatura pós-colonial brasileira, foram selecionados os seguintes estudos históricos e literários a respeito da construção da identidade nacional: Bernd (1992), Bosi (1983), Cândido (2009), Chalmers (2002), Cunha (1998), Holanda (2002), Leite (1983), Ribeiro (1995) e Romero (2001).

PALAVRAS-CHAVE: Representação do indígena; Imperialismo; Identidade nacional; Literatura pós-colonial.

TÍTULO DO TRABALHO: DIÁLOGOS INTERCULTURAIS E NARRATIVA ÉPICA NO "ROMANCE BRASILIENSE" GUPEVA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Autor: Claudia Letícia Gonçalves Moraes (doutoranda em Literatura pela UnB, mestra em Cultura e Sociedade pela UFMA). Danglei de Castro Pereira (Doutor em Literatura Comparada - Universidade de Brasília – UnB).

RESUMO:
O presente trabalho tem por finalidade apresentar uma proposta de investigação sobre a literatura da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917). Será analisado, mais especificamente, seu conto indianista **Gupeva** (1861-2), enfocando a imagem do índio engendrada pela autora. O indianismo, portanto, apresenta-se como tema bastante relevante no período dos oitocentos, período este em que a escritora estava engajada em suas narrativas de cunho também nacionalista. Como uma escritora romântica de seu tempo, Maria Firmina arquitetou, no conto em análise, um ideário de nação por meio da abordagem da temática

indígena. Assim, o encontro da cultura europeia com a cultura indígena autóctone também surgirá como ponto de análise a partir do conto, dedicando-se a pensar o lugar destinado ao índio na sociedade brasileira oitocentista, no sentido de registrar a contribuição da autora ao pensamento social brasileiro do período e de marcar o seu ideário acerca da questão nacional. Nesse aspecto, a literatura da autora ganha relevância ao se propor problematizar a realidade em que está inserida, trazendo elementos que compõem um quadro dos modos como suas personagens experienciam o mundo. Ao dar protagonismo a Gupeva em seu conto, que é uma das personagens do texto de Santa Rita Durão (**Caramuru** - poema épico do descobrimento da Bahia), Firmina resgata sub-repticiamente Paraguaçu e Caramuru, duas personagens clássicas que representam também este encontro entre culturas distintas. A ação do que a autora intitula "romance brasiliense" trata, portanto, a partir de uma ótica própria, dos encontros e desencontros destes dois povos: o europeu e o indígena e suas possíveis, e fatídicas, consequências. Para fundamentação do presente trabalho serão utilizados autores como CANDIDO (2007), DUARTE (2009), HOLANDA (1994, 2014), MENDES (2007) e MORAIS FILHO (1975) a fim de compreender de que maneira a autora, a partir de sua narrativa protagonizada por um índio, intenta construir sociológica e literariamente uma épica que ilustre a formação de nossa nação. Aliando a temática indígena ao tabu do incesto, **Gupeva** apresenta uma narrativa de acontecimentos complexos que põem em relevo elementos constitutivos do Romantismo como o refúgio no passado, o nativismo e a reinvenção do bom selvagem, centrando suas atenções no diálogo entre culturas.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Firmina dos Reis; Diálogos interculturais; Século XIX. Temática indígena.

TÍTULO DO TRABALHO: OS FILHOS DA TERRA E SUAS ENTRANHAS: TENSÕES ENTRE INDÍGENAS E INTELECTUAIS EM QUARUP, DE ANTONIO CALLADO

Autor: Humberto Torres (Doutorando pela Universidade de Brasília – UNB)

RESUMO:
Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a representação das tensões entre povos indígenas e intelectuais não-indígenas no romance **Quarup** (1967), de Antonio Callado. Passadas cinco décadas de seu lançamento, **Quarup** continua sendo um marco no que diz respeito à representação do período que antecedeu e, por fim, culminou no golpe militar. E, mais importante que isso, expôs as feridas da formação social e intelectual do país. Apesar de os acontecimentos narrados estarem tão vinculados a um período determinado da história, o romance liberta-se das amarras do tempo porque toca no ponto nevrálgico em que se situa a dinâmica social brasileira, estabelecendo, portanto, sintonia com o tempo presente. **Quarup** não raramente é lido por parte da crítica como um romance que estabelece diálogo com nosso passado colonial, invariavelmente representado pelos índios e a intenção inicial do protagonista, um padre jesuíta, de catequizá-los. Agora, cabe pensar também na relação do romance com seu futuro imediato, qual seja, o massacre indígena durante a ditadura militar brasileira. Graças aos resultados provenientes dos relatórios da Comissão Nacional da Verdade, tornados públicos em 2014, sabe-se hoje que os povos indígenas estão entre os grupos sociais mais duramente perseguidos pelos militares. A fim de contribuir para essa discussão, me proponho a realizar uma leitura da representação dos povos indígenas em Quarup, tendo em vista que, além de serem

uma dessas vozes que compõem o retrato plural do Brasil, eles estão em tensão com representantes da intelectualidade brasileira. No romance, uma parcela significativa desses intelectuais se aproxima de uma vertente conservadora e violenta, expondo a visão que a cultura dominante, não raramente, atribui a grupos marginalizados, baseada em valoração negativa. É nesse sentido que propomos uma atualização da discussão, a fim de, inclusive, refletir sobre o papel relegado aos indígenas brasileiros no que tange o compromisso da nação com o progresso. Para tanto, o romance de Antonio Callado oferece uma valiosa reflexão no que tange a compreensão do Estado brasileiro sobre os povos indígenas e como os eventos narrados se projetam tanto para o nosso passado colonial como para os anos de chumbo que se seguiriam.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura; Povos indígenas; Intelectuais.

TÍTULO DO TRABALHO: A IRONIA ROMÂNTICA E LUIZ GAMA

Autor: Igor Alexandre Barcelos G. Borges (Doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB). Danglei de Castro Pereira (Doutor em Literatura Comparada - Universidade de Brasília – UnB)

RESUMO:
O presente trabalho procura analisar a obra poética de Luiz Gonzaga Pinto da Gama, mais conhecido como: Luiz Gama. Luiz Gama foi, nas palavras de Otto Maria Carpeaux, poeta satírico, gênero muito cultivado no Brasil desde Gregório de Matos. Ainda segundo Carpeaux, os versos de Luiz Gama poderiam ser comparados com algo como os “Châtiments” da campanha abolicionista. Neste sentido, salientamos a importância de destacar mesmo que forma prática e objetiva a figura de Luiz Gama, falando de sua passagem pelo mundo literário. Gama foi um fenômeno, um homem que triunfou sobre o destino. Segundo J. Romão da Silva (1981) “bastardo de um branco fidalgo de origem portuguesa, L. Gama nasceu livre, na histórica cidade de Salvador, capital da Bahia, aos 21 de Junho de 1830”. Uma das personalidades mais importante do século XIX, no Brasil imperial e escravista, assim como nos informa Luiz Carlos Santos (2010). Nas palavras de Ferreira (2011) ele é um dos raros intelectuais negros brasileiros do século XIX, o único autodidata e o único, também, a ter vivido a experiência da escravidão. Até a abolição, pela legislação do império, os escravos e os libertos não tinham o direito de frequentar escolas. Ensinar um escravo a ler ou a escrever significava transgredir as regras estabelecidas, poucos ousavam fazê-lo. Privado do conhecimento, o escravo estava condenado ao silêncio. Nascido livre, Luiz Gama tornou-se escravo aos dez anos de idade, em circunstâncias dramáticas entre tantas outras que marcaram sua tumultuada, porém, ascensional, existência. A partir dos Dezessete anos, graças à “transgressão” de um estudante residente na casa de seu senhor que o ensina a ler e a escrever, Luiz Gama, qual Prometeu, empreende sua prodigiosa conquista do saber e da palavra que lhe devolvem a liberdade e constroem o improvável destino de um ex-escravo. Neste sentido, o objetivo geral é valorizar a obra de Gama e, neste percurso, comentar aspectos específicos de sua produção e, consequentemente, discutir os limites do cânone literário nacional. A ideia central é utilizar-se da poética de Luiz Gama em favor da tese que busca comprovar a presença da ironia romântica no seio da tradição satírica brasileira. Acreditamos que, o trabalho com autores ditos e, marcadamente, marginais dentro da perspectiva historiográfica é um fato/ato importante, pois, resgatam do limbo do esquecimento autores que possuem tantas qualidades quanto os que foram consagrados pela crítica. Nesta acepção, ao se incrementar o cânone, revitalizamos os olhares e as leituras sobre o mesmo. Destarte, o trabalho com Gama pensado dentro da tradição satírica no Brasil via ironia

romântica, nos proporciona um olhar crítico a respeito da figura do escritor, sobre sua obra poética e, claro, seu pensamento enquanto sujeito irônico. Para tanto, os seguintes autores tornam-se nossa base teórica: Friedrich Schiller (1975), Friedrich Schlegel (1994), Soren Kierkegaard (1991), D. C Muecke (1995), Edgard Carvalheiro (1959), Fausto Cunha (1971), J. Guinsburg (1993), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Luiz Gama; Tradição satírica brasileira; Ironia romântica.

TÍTULO DO TRABALHO: A REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA EM "QUARUP", DE ANTONIO CALLADO

Autor: Júlia Ribeiro (Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras – da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso). Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves (Universidade do Estado de Mato Grosso)

RESUMO:
O romance **Quarup**, de Antonio Callado, apresenta vários personagens que teorizam sobre a nação brasileira. Dentre eles está Nando, que constrói permanentemente sua identidade em contato com outros ditos "intelectuais" e as minorias brasileiras. Inspirado principalmente por Francisca e Levindo, Nando idealiza uma nação ao se envolver com as questões dos indígenas xinguanos e dos camponeses. Mas sua utopia entra em conflito com a realidade dura do país, e sofre, inevitavelmente, as consequências da repressão e da violência dos poderosos. Apesar das terríveis dificuldades que o personagem encontra, o romance termina com um tom esperançoso em relação às lutas revolucionárias ao lado da minoria camponesa. Este trabalho versa inclusive sobre a representação do indígena na narrativa como elemento que compõe a identidade cultural e nacional brasileira. Diferentemente das imagens do indígena heroico idealizado pelo projeto literário romântico, o indígena de **Quarup** é apresentado imerso em mazelas sociais e descasos governamentais. Assim sendo, várias imagens diferentes e conflituosas de identidades e projetos de nação brasileira vão surgindo através desse contato entre os personagens tidos como intelectuais e minorias indígenas, ilustrando a inviabilidade de se estabelecer uma nação homogênea e uma história sem fissuras. Para se construir essa reflexão serão utilizados principalmente os preceitos teóricos de Stuart Hall (2005, 2014), Peter Burke (2016), Néstor García Canclini (2000).

PALAVRAS-CHAVE: Indígena; Identidade; Minorias; Nação.

TÍTULO DO TRABALHO: "O BERRO DO CORDEIRO EM NOVA YORK": CAMPO E CIDADE

Autor: Juliane Oscar de Souza Moura (Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat). Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves (Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat)

RESUMO:
Este trabalho consiste na análise do romance **O Berro do Cordeiro em Nova York**, de Tereza Albues, com o objetivo de perceber os processos de construção de identidades culturais baseados na relação que determinados personagens estabelecem com os diferentes espaços, em especial com o campo e a cidade. As relações muitas vezes conflituosas entre identidades e culturas permeiam a narrativa de Albues, a qual apresenta retratos do estado de Mato Grosso,

do Rio de Janeiro e de Nova York. Durante o processo de modernização do país, cidades brasileiras expandem suas fronteiras enquanto latifúndios dominam cada vez mais o funcionamento do campo. Nessas novas configurações espaciais, as extensas áreas cultivadas deixam muitos camponeses sem terra e com jornadas de trabalho excessivas, além de baixos salários, moradias precárias e humilhações constantes. Já as áreas citadinas são organizadas de acordo com os projetos modernos de urbanização, onde o centro passa a ser habitado pela elite e as regiões suburbanas pela camada popular. Nesse sentido, os espaços apresentados pela narrativa mostram personagens considerados representantes do poder político e econômico, como o grande latifundiário, o empresário e governantes, que exploram os menos favorecidos e minorias, como o camponês, o negro e o indígena. Nos embates entre esses grupos constroem-se identidades várias e conflituosas, além da própria personagem narradora que, através da memória, resgata tempos e espaços diversos ao se redimensionar permanentemente durante toda a narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Cultura; Identidade; Campo; Espaço.

TÍTULO DO TRABALHO: A NARRATIVA JESUÍTICA SOBRE O PADRE JOÃO VILLAR: UMA REPRESENTAÇÃO SILENCIADORA DOS INDÍGENAS MARANHENSES

Autor: Drª. Liliane Faria Corrêa Pinto (Universidade Federal do Maranhão – UFMA)

RESUMO:
O Padre João Villar era um jesuíta que esteve entre os Guanarés e Barbados, no sertão maranhense, para ensinar-lhes a fé cristã, na década de 1710. Subiu o rio Itapecuru na primeira expedição e estreitou laços com as tribos, mas uma epidemia de varíola atingiu os nativos que, revoltados, queimaram as choças e afugentaram o padre. Na segunda viagem, nas proximidades do rio Codozinho, foi emboscado pelos índios que estavam indignados com a presença dos colonizadores. Foi golpeado, caiu no rio e seu corpo foi achado alguns dias depois por outro grupo de sacerdotes que retornou ao local. A narrativa desse episódio é o mito fundador da cidade de Codó e parte da obra **História de Gabriel Malagrida**, do Padre Paul Mury, datada do século XIX. Malagrida também era um jesuíta e escreveu sobre João Villar durante sua estada em terras maranhenses. A partir de seus relatos, Mury tece a narrativa da ocupação da região dos atuais municípios de Codó e Timbiras no Maranhão. O objetivo do padre oitocentista é exaltar a ação evangelizadora e a santidade de Malagrida e de João Villar e, para isso, demoniza os indígenas. Eles têm sua voz silenciada na narrativa para enaltecer a do opressor que vem de longe impor uma nova fé e subjugar os povos nativos. Esse texto é uma das poucas fontes escritas encontradas sobre esses grupos que foram dizimados pela presença portuguesa. Nesse sentido, uma análise das entrelinhas dessa narrativa proporciona algumas pistas sobre essas nações indígenas que sofreram com a presença do colonizador e, ainda, tiveram sua memória esquecida na história local.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas; Jesuítas; Codó; Malagrida.

TÍTULO DO TRABALHO: POESIA E RESISTÊNCIA: HIBRIDISMO CULTURAL EM CASALDÁLIGA COMO ESTRATÉGIA ÀS POLÍTICAS DE MEMÓRIA E SILENCIAMENTO

Autor: Marcos Fabio Da Silva (Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat). Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves (Universidade do Estado de Mato Grosso)

RESUMO:
O Século XX, sobretudo sua segunda metade, ficou marcado por revisões e transformações das abordagens operadas pelo pensamento crítico literário quando passa a refletir mais sobre as relações entre centro e periferia cultural, sobre a função social da Literatura frente aos discursos unificadores formulados pelas ordens econômicas hegemônicas e o decorrente estabelecimento de políticas sobre a memória e o silenciamento de povos e culturas cerceados por sucessivas fronteiras expansionistas. Dom Pedro Casaldáliga, bispo e poeta, figura como um dos expoentes da Literatura engajada contemporânea dada a estreita relação do autor com a vertente religiosa denominada Teologia da Libertação, a qual traz como preceito um posicionamento em favor das minorias marginalizadas em seus ritos e atos, o que acaba por influenciar diretamente sua poética. Neste contexto em que as políticas culturais hegemônicas se organizam para subjugar culturas periféricas, impingindo-lhes processos de apagamento de suas representações culturais próprias, as políticas da memória se fazem evidenciar nos silenciamentos impostos pelas narrativas históricas oficiais por meio da unificação artificial promovida por discursos nacionalistas. Nesse processo, vozes minoritárias são suprimidas, além da valoração pré-estabelecida das vozes periféricas em relação ao centro tanto na produção da arte quanto da crítica. Posto isso interessa-nos averiguar, a partir de seus poemas litúrgicos, como se opera a reorganização dos mitos e dos ritos eclesiásticos numa representação cultural híbrida em que o autor incorpora elementos, símbolos e divindades da cultura indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Vozes Marginais; Políticas da Memória; Hibridismo Cultural.

TÍTULO DO TRABALHO: AMBIGUIDADES DO HIBRIDISMO NO DISCURSO DA ANTROPOGAGIA MODERNISTA BRASILEIRA

Autor: Rodrigo Octávio Cardoso (Doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP)

RESUMO:
O Brasil, no contexto da América Latina, tem vivido, há mais de dois séculos, um processo peculiar de descolonização, uma vez que os povos colonizadores permaneceram e assumiram uma posição hegemônica nesse território, identificando-se com ele e incorporando traços das culturas nativas e de outras culturas trazidas, frequentemente, à força para o território. Desde o início da formação das literaturas nacionais e suas críticas, proliferam discursos sobre hibridismos na literatura, balizados também pela observação e questionamentos de hibridismos culturais e raciais que constituem essa história. Em **Transculturación Narrativa en América Latina**, Angel Rama descreve os movimentos de absorção de discursos locais e autóctones e sua incorporação em formas europeias pelo modernismo. Esse movimento é não apenas tematizado, mas torna-se uma proposta central da Antropofagia no modernismo brasileiro. Aí, em uma inversão da proposta romântica que se valia de um indígena do passado como conteúdo para uma forma narrativa de moldes europeus, o indígena se torna forma e projeto de futuro. Além disso, de forma mais radical, a imagem selvagem e violenta do índio mau, tupinambá antropófago, se coloca no lugar de um projeto de nação, ao revés do índio heroico ou domesticado dos discursos da colonização jesuítica, do romantismo ou dos projetos de inclusão do Estado brasileiro até a constituição de 1988. As noções de mestiçagem e hibridismo, entretanto, como afirma Cornejo Polar, podem conduzir a uma falsificação da nossa cultura, ao oferecem imagens harmônicas de relações que são, na verdade, fraturadas e conflituosas.

Tendo isso em vista, esta comunicação pretende avaliar as ambiguidades e conflitos da presença indígena no modernismo antropofágico brasileiro em obras como o **Manifesto Antropófago**, de Oswald de Andrade, **Macunaíma**, de Mário de Andrade e **Cobra-Norato**, de Raul Bopp.

PALAVRAS-CHAVE: Hibridismo; Antropofagia; Identidade Nacional.

TÍTULO DO TRABALHO:IDENTIDADE E CULTURA INDÍGENA NA NARRATIVA DE DANIEL MUNDURUKU

Autor: Sonaira Teixeira (Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat)

RESUMO:
Na contemporaneidade, há um crescimento cada vez maior do interesse sobre temas ligados às diferenças, podendo elas serem étnicas, raciais ou que envolvam gênero, focando como púbico crianças e jovens adolescentes, na finalidade de instruir, esclarecer ou em algumas situações proporcionar debates a respeito de assuntos e conceitos culturais que envolvam a sociedade. Um dos escritores que vem se destacando na literatura infantil e juvenil contemporânea é Daniel Munduruku, que revela em suas obras o modo de percepção dos ciclos da vida, a origem e a cultura que organiza os indígenas da etnia Munduruku, como também surge como obra essencial para quebra dos paradigmas instituídos no campo da cultura em relação ao perfil do nativo brasileiro que em muitas vezes é silenciado pelo estigma da dominação. O objetivo desse trabalho é examinar na obra de Daniel Munduruku, intitulada **O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira** (2009), a quebra de estereótipos sobre indígenas e suas culturas que tanto os marginalizam e difundem preconceitos. Através dessa análise, é possível redimensionar a identidade e a cultura indígenas representadas na produção literária de Munduruku, a qual põe em evidencia o caráter multicultural do Brasil contemporâneo. Nesse processo se insere a voz legítima de nativos autóctones. Para isso, inicialmente, nossa pesquisa terá como fundamentação teórica HALL (2003, 2006, 2014), CANCLINI (2011), SEMPRINI (1999) e COELHO (2000).

PALVRAS-CHAVE: Identidade indígena; Cultura; Daniel Munduruku.

TÍTULO DO TRABALHO: A INVISIBILIZAÇÃO DOS POVOS NA HISTÓRIA DO BRASIL: REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Autor: Valdeiza Teixeira Castro (Universidade do Estado da Bahia). Ivana Pereira Ivo (Doutoranda pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

RESUMO:
Os projetos relacionados aos povos indígenas do Brasil são de extrema relevância para o ensino interdisciplinar, possibilitando a exploração da temática para a discussão acerca da origem e das contribuições desses povos na construção social do país. A despeito da grande diversidade linguística e cultural existente no Brasil, os povos indígenas têm sido invisibilizados ao longo dos anos, tanto nas etapas da formação docente como nas propostas curriculares e materiais didáticos. Ao considerar aspectos relacionados à Lei Federal 11.645/08, que obriga a inserção da temática da História e Cultura Indígena na Educação Básica, de forma interdisciplinar, este trabalho tem como objetivo refletir sobre aspectos relacionados à formação de professores de

História, levando em conta aspectos curriculares, prática docente e o uso de materiais didáticos que tendem a apresentar um discurso predominantemente generalizante, folclorizado e/ou romantizado sobre os povos indígenas, com abordagens limitadas, informações incompletas e, muitas vezes, descontextualizadas, sem quaisquer referências à diversidade cultural do país e sem elementos que mostrem aspectos culturais e contribuições que esses povos trouxeram e trazem à sociedade brasileira**.** Trata-se de uma **p**esquisa, ainda em andamento, de caráter qualitativo e de cunho documental, que se fundamenta teoricamente em: Rodrigues (1986), Melatti (2014), Ribeiro (1995), Berta-Ribeiro (2013), D'Angelis (2012), Ferreira Netto (2012), Carneiro (2012) e outros. Diante dos resultados iniciais, que apontam para a invisibilização dos povos indígenas, pretende-se, ao final, apresentar propostas de materiais e produções literárias indígenas, que podem ser inseridas tanto nos cursos de formação como nos materiais didáticos.

PALAVRAS-CHAVE: Povos Indígenas; História; Formação do Professor; Material Didático.

TÍTULO DO TRABALHO: FIGURAÇÕES DA INOCÊNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA: IDENTIDADE NACIONAL E REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO NO ROMANTISMO

Autor: Andressa Marques Pinto (Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários - Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF)

RESUMO:
Três citações, consecutivamente de Benjamim, de Ferrez e de Caminha, são as diretrizes essências da reflexão que aqui fará. Em "Sobre o conceito de história", Walter Benjamim elenca dezoito teses sobre a história que colocam em relevo a ideia de construção do passado a partir do olhar do presente. Benjamin demonstra a necessidade de se pensar em um conceito de história na qual o papel do historiador seria revirar os escombros, as ruínas, acordar os mortos e elencar os fragmentos que, a partir do olhar do presente, se articulam como rede que dá continuidade à catástrofe, isto é, é a partir dos acontecimentos do presente que um evento do passado se torna um fato histórico; é papel do investigador do passado estabelecer essa relação. É a partir desta ótica que se faz possível a aproximação das duas outras citações. A negação da inocência feita por Ferréz, autor da Literatura Marginal, permite perceber como fato histórico a afirmação da inocência a partir de Caminha na **Carta** que escreve ao rei de Portugal para dar conta do "achamento" do Brasil. Ativada a afirmação da inocência feita por Caminha como um fato histórico, ativa-se, também, uma perspectiva de leitura da cultura brasileira pela figuração da inocência. A negação da inocência feita por Ferréz, a partir desta leitura, permite vislumbrar uma mudança paradigmática na representação identitária na literatura contemporânea, ou seja, a negação do paradigma da inocência ancorado no plano inaugural da construção identitária do Brasil que é a Carta de Caminha. Partindo destas ideias, pretende-se observar como a construção da identidade nacional em seu primeiro momento de formulação, o Romantismo, trabalha com a ideia da inocência. A representação do indígena como inocente é o ponto de partida desta reflexão que buscará ressaltar que tal representação funciona como estratégia para camuflar um violento processo colonizador, na medida em que silencia a voz do índio e constrói uma imagem estereotipada a seu respeito.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Nacional; Romantismo; Indianismo; Inocência.